

## Vilela e o Kitsch do Vale do Amanhecer

*Carmem Luisa Chaves Cavalcante*

*A autora é doutora em Comunicação e Semiótica pela  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP  
e professora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).*

Falange Dharmo - Oxinto  
Foto de Kalu Chaves

O Vale do Amanhecer é uma comunidade religiosa<sup>1</sup> de origem popular, criada em 1968 pela ex-caminhoneira Neiva Chaves Zelaya, mais conhecida como Tia Neiva, e localizada a seis quilômetros de Planaltina, cidade-satélite de Brasília. Marcado por um viés milenarista, fala-se entre os adeptos que, até o final do ano 2999, todos os seres humanos retornarão a Capela, seu planeta de origem. Até lá, eles já deverão ter expiado suas culpas, adquiridas durante as sucessivas encarnações que os mantiveram atados ao planeta Terra. No entanto, para que essa remissão cármica ocorra, é preciso, desde agora, tomar parte nos rituais sagrados da comunidade, seja como médium, seja como “paciente”. Acolher e doutrinar espíritos encarnados e desencarnados – como em uma espécie de “pronto socorro espiritual” –, para em seguida encaminhá-los ao Astral Superior: tal é a missão do Vale do Amanhecer.

Importa mencionar que a doutrina criada por Tia Neiva, além de milenarista, é constituída por um intenso hibridismo religioso. Apresenta, portanto, uma configuração multivocal. São cores, formas, texturas e símbolos que lá se instauraram, evidenciando a presença de diversos credos em sua composição *signica* – tais como o catolicismo popular, a umbanda, o espiritismo kardecista e uma série de movimentos religiosos atrelados ao misticismo da Nova Era – em termos de sons, imagens, gestos ou narrativas. Todos são ali encontrados em diálogo não apenas entre si, mas também com informações advindas de muitos outros textos/sistemas da cultura<sup>2</sup>, como é o caso, por exemplo, da cidade de Brasília e da ficção científica, veiculada pelos diversos meios de comunicação. Outros textos culturais importantes a essa composição são as fachadas e as decorações internas das residências situadas em zonas menos privilegiadas economicamente; os retratos pintados; as pinturas de cartazes de cinema; as imagens de umbanda; as comemorações carnavalescas; as boléias e os desenhos em placas de caminhão.

Esses textos, chegando à comunidade, têm suas informações modificadas, já que ali passaram por variadas re-significações. Essas informações, encontradas sob a batuta de uma antropofagia *signica*, apresentam-se como uma novidade semiótica, algo que foi masti-

gado e engolido para que, depois de digerido, voltasse à cena como pura criação. Obviamente, o modo de os seguidores de Tia Neiva produzirem tais re-significações é bastante específico e diz respeito, sobretudo, ao seu *ethos* (aspectos morais e estéticos) e à sua visão de mundo (aspectos cognitivos), conforme assinalou Gertz (1989, p. 141). Ambos notadamente expressos e realizados em um grande sistema de signos, chamado “Vale do Amanhecer”.

Pode-se dizer que, no Vale do Amanhecer, tal antropofagia ocorre em uma chave *kitsch*<sup>3</sup>. Não do *kitsch* entendido como trapaça, cópia e/ou anti-arte, mas do tipo poético, criativo, irreverente e visionário, como avaliaram Guimarães e Cavalcante (1982, p. 15-40) em seu trabalho sobre arquitetura suburbana e rural. Ou seja, um *kitsch* relativo a um modo de ser, de viver e de representar o mundo sob a perspectiva do obtuso, do quase melodramático, do utópico e do exuberante, mesmo que, para alguns, este se identifique com um tipo de mau-gosto. Esse *kitsch* facilmente se verifica nos cantos, nos gestos e nas narrativas míticas, mas que se dá a perceber, sobretudo, nos diversos tipos de indumentária, na arquitetura – como mostram as imagens a seguir – e, finalmente, na iconografia daquela comunidade – como será explorado mais adiante.

Têm-se assim, no Vale do Amanhecer, com uma forte carga simbólica, cores e brilho em excesso; formas e texturas variadas em tecidos e objetos; materiais baratos como o plástico e o *strass* simulando o ouro, a prata e as pedras preciosas; imagens agigantadas de entes espirituais tanto em forma de pintura quanto de escultura, além da grande profusão de insígnias religiosas distribuídas de modo inusitado por todo o local. Aglomerados de modo ostensivo e às vezes dissonante, esses símbolos fazem claras referências aos diversos textos culturais mencionados anteriormente. E são todos eles *kitsch* – utilizando-nos das palavras de Moles (1994, p. 55, 26) –, na medida em que fazem parte da vida cotidiana daquelas pessoas como “uma ornamentação rebuscada”, “uma série de ritos ornamentais que lhes servem de decoração, de um jogo elaborado, dando-lhes um ar de complicação estranha [...]”.

Entre os fiéis, costuma-se afirmar que a estética do Vale do Amanhecer não se dá por acaso. Aliás, pode-se dizer que ela é percebida como algo absolutamente útil à doutrina religiosa seguida por aquela comunidade. Segundo os seguidores de Tia Neiva, além de despertar a atenção de curiosos para o ambiente, o estranhamento provocado por esse tipo específico de estética tem como finalidade a troca de energias entre os médiuns do local, os pacientes e os espíritos dos diversos planos, tanto inferiores como superiores. Por meio da estratégia do “choque”, essas pessoas e seres espirituais equilibrariam seus padrões vibratórios e, ao participarem dos rituais, utilizariam tais padrões para trabalhar em favor de uma causa maior: a redenção de toda a humanidade e sua devida preparação, ao longo deste terceiro milênio, para a volta a Capela, seu planeta de origem.



Vista parcial do templo da Estrela Candente - Foto de Kalu Chaves

Além de Tia Neiva e de seu marido Mário Sassi (chamado pelos fiéis de “o intelectual da doutrina”)<sup>4</sup>, há ainda uma pessoa importante, nem sempre mencionada, quando o assunto é a codificação de todo esse imaginário que permeia o Vale do Amanhecer. Trata-se de Vilela<sup>5</sup>, um adepto relativamente antigo, tido por todos os fiéis como o artista do local. Responsável pela grande maioria das representações das entidades da doutrina, ele afirma receber manifestações espirituais por meio da pictopsicografia. Utilizando-se dessa técnica, o pintor visualizaria as entidades e retratá-las-ia com tinta a óleo sobre tela, ou mesmo, valendo-se do uso de programas de computador, com impressão em papel. Essas imagens são em geral fotografadas e vendidas aos adeptos do Vale em forma de “santinhos”, como aqueles comumente distribuídos ou comercializados nas comemorações da Igreja Católica.

Integrado ao apelo *kitsch* do local, Vilela pinta não apenas os retratos dos espíritos mencionados por Tia Neiva, mas cria, ele mesmo, diversos outros e representa-os. O artista afirma receber constantemente manifestações de entidades que até então não se haviam manifestado na doutrina. E mais: afirma que muitas vezes chega algum fiel com encomenda, pedindo que retrate o seu “guia espiritual”, visto em sonho, mas ainda pouco conhecido por seu nome e/ou forma nos registros iconográficos do Vale do Amanhecer. Geralmente satisfeitos com as imagens que o pintor apresenta-lhes, muitas vezes geradas sem grandes palpites do solicitante, segundo Vilela, os compradores fazem com frequência as seguintes exclamações: “Foi isso mesmo o que eu vi!”, “Foi assim, com essa ‘roupagem’, que ele apareceu para mim!”.

Esse tipo de acontecimento faz do médium e pintor uma personalidade fundamental à sobrevivência da comunidade e de sua estética. Vilela não apenas atribui forma, cores e contorno às visões de Tia Neiva, mas age como uma espécie de retro-alimentador do Vale do Amanhecer. Pintando quase diariamente e em grande escala, está sempre criando personagens, sempre trazendo o conhecimento de novas personalidades míticas, bem como a possibilidade de os adeptos associarem-nas às suas histórias pessoais e de vivenciarem uma não-finitude, uma não-estagnação de seus conhecimentos relativos à doutrina religiosa adotada por aquela comunidade. Desse modo, pode-se dizer que Vilela está sempre re-inventando o Vale do Amanhecer.

Respeitado e admirado pelos fiéis, ao que tudo indica, Vilela vive quase exclusivamente da venda de suas pinturas mediúnicas – embora afirme estar ficando famoso, também, por outras obras que tenha feito, fora do âmbito religioso. No Vale do Amanhecer, seu ateliê ocupa o mesmo espaço de sua loja, situando-se ambos nas proximidades da entrada do templo principal. Nesse espaço são vendidas lembranças religiosas e está organizada, em grupos de espíritos, boa parte de sua produção artística. Tem-se assim, exposto nas paredes da loja, um pequeno mostruário, composto

por retratos de entidades dos seguintes tipos: ciganos, hindus, caboclos, pretos-velhos, soldados romanos, representantes da nobreza, médicos de cura, capelinos, entre outros.

Como exemplo de ilustração desses tipos, veja-se o caso dos capelinos retratados como comandantes de uma nave espacial. Posta em uma chave notadamente *kitsch*, a referida imagem remete a vários textos/sistemas culturais, normalmente identificados com essa mesma estética. São eles: os retratos pintados, as pinturas de cartazes de cinema e alguns desenhos feitos em placas de caminhões. Em consonância com esses textos/sistemas, a imagem de Vilela foi concebida a partir da figuração clássica, embora com pouca profundidade de campo, com formas achatadas e levemente distorcidas. Além disso, nela também estão os usos de cores puras complementares postas em contraste; de tonalidades de branco; do vermelho chegando ao rosa-bombom; do violeta ao lilás-leitoso e, por fim, das combinações de todas as cores do arco-íris, misturadas ao máximo – bem ao modo do que observou Moles (1994, p. 55), em seu estudo sobre o *kitsch*.

A referência a discos voadores na imagem, por sua vez, parece ter sido causada a partir dos diálogos travados entre o Vale do Amanhecer e os movimentos nova-erísticos – muitos deles situados nos arredores de Brasília – ou mesmo da umbanda, sobretudo em sua versão esotérica<sup>6</sup>. Some-se a isso a menção a Capela como tendo sido provavelmente trazida à doutrina por meio da religião de Kardec – vale lembrar o livro espírita intitulado **Os exilados de Capela**.

No entanto, ao que parece, a alusão feita à ficção científica, tão presente nas revistas em quadrinhos, nos livros do tipo *best-seller*, nos filmes e séries de televisão, parece ser a que mais se sobressai nessa imagem. Note-se como a tecnologia da nave apresentada em primeiro plano por Vilela, assim como os vários planetas ao fundo, os modelos das roupas espaciais e também as várias torres de desintegração e transporte parecem-se com o que se costumava ver em séries de televisão do mesmo gênero, veiculadas entre os anos 1960 e 1970, como *A fuga de Logan/A fuga das estrelas*, *Perdidos no espaço* e, sobretudo, *Jornada nas estrelas*.

Por fim, atente-se para o viés modernista nos cenários e nos figurinos de filmes como *2001 – uma odisseia no espaço*, de 1968, e das séries em questão – e, por que não, também da arquitetura de Brasília? – para, em seguida, pensar-se no “modernismo” do retrato produzido pelo pintor. Pode-se afirmar, com certeza, que ocorreu uma re-significação na imagem de Vilela. Afinal, mesmo mantendo informações trazidas pelos textos/sistemas culturais precedentes, ela claramente apresenta novos tons e cores, formas, organização e até mesmo uma outra estética.

Diante de tais constatações, parece não restar muita coisa a ser dita, a não ser que por meio desse tipo de processo antropofágico nasce, vive e constantemente alimenta-se a estética *kitsch* do Vale do Amanhecer.



Capelinos em nave espacial - Pintura de Vilela



Imagem do seriado Jornada nas Estrelas - Retirado de www.startrebrazil.kit.net

## NOTAS

1. Nos planos espirituais, contam os adeptos, a comunidade religiosa de Tia Neiva recebeu o nome de "Corrente Indiana do Espaço". A designação "Vale do Amanhecer", por sua vez, resulta de uma identificação posterior do local de sua instauração – um vale onde se daria o amanhecer mais bonito da região, segundo alguns dos fiéis – com os princípios doutrinários criados por Tia Neiva.
2. O texto é um sistema ou rede de signos com uma estrutura interna definida que se relaciona com outros textos. Essa rede ou sistema possui um significado e uma função global. Sendo uma unidade holística e indecomponível, é também a unidade mínima da cultura. De acordo com as teses de V. V. Ivanov, I. M. Lotman, A. M. Pjatigorskij, V. N. Toporov e B. Uspenskij, semioticistas da escola de Tartu-Moscou, "O texto possui significado e funções globais (se distinguirmos a posição de um pesquisador da cultura daquela de seu portador; do ponto de vista do primeiro, o texto aparece como o portador de função global, ao passo que, da posição do segundo, ele é o portador de significado global). Nesse sentido, o texto pode ser considerado como elemento primário (unidade básica) da cultura" (Ivanov et alii apud MACHADO, 2003, p. 105).
3. De acordo com Ludwing Giez, haveria duas versões para a origem da referida palavra. A primeira remete a uma corruptela do termo inglês, sketch, amplamente utilizado no século XIX, quando turistas americanos, querendo adquirir uma obra de arte por um baixo preço, pediam um esboço, imitação ou cópia ("sketch") da obra. Na segunda acepção, o termo kitsch viria do alemão "kitchen", com o significado de 'tirar a lama da rua', ou 'reformular móveis, para fazê-los parecerem antigos' (Giez apud GUIMARÃES & CAVALCANTI, 1982, p.15). Abraham Moles (1994, p.10), por sua vez, associa o kitsch à idéia de vender barato, da trapaça, da negação do autêntico, todos tomados de empréstimo do verbo alemão "verkitschen".
4. Foi Mário Sassi quem deu a Tia Neiva, uma ex-caminhoneira semi-analfabeta, a possibilidade de melhor registrar

suas visões e ensinamentos em livros, apostilas e fitas-cassete.

5. Das três pessoas citadas, Vilela é a única que permanece viva. Tia Neiva e Mário Sassi faleceram em 1985 e em 1995, respectivamente
6. Segundo André Ricardo de Souza e Patrícia Ricardo de Souza (1999, p. 2-3) o termo "umbanda esotérica" foi forjado para dar conta da novidade dessa religião de procedimentos e concepções vinculadas à Nova Era e que aparece cada vez mais na internet, em portais desenvolvidos por comunidades criadas recentemente e ligadas aos cultos umbandistas das cidades do Rio de Janeiro, de Brasília e de São Paulo.

## REFERÊNCIAS:

- CAVALCANTE, Carmen Luisa Chaves. **Dialogias no Vale do Amanhecer: os signos de um imaginário religioso antropofágico**. São Paulo. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GUIMARÃES, Dinah & CAVALCANTE, Lauro. **Arquitetura kitsch: suburbana e rural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- RICARDO DE SOUZA, André & RICARDO DE SOUZA, Patrícia. 1999. **A umbanda esotérica em São Paulo**. Artigo apresentado na IX Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: [www.ifcs.ufrj.br/jornadas/st10.htm](http://www.ifcs.ufrj.br/jornadas/st10.htm). Acesso em: 12.ago.2004.
- MACHADO, Irene. **Escola de semiótica: a experiência de Tartu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- MOLES, Abraham. **O kitsch: a arte da felicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- STAR TREK BRAZIL. s/d. Disponível em: <http://www.startrebrazil.kit.net>. Acesso em: 15.set.2002.